

UMA ESCOLA A SER VISTA: APONTAMENTOS SOBRE IMAGENS FOTOGRÁFICAS DE PORTO ALEGRE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

Zita Rosane Possamai

Resumo

Nas primeiras décadas do século XX, observa-se uma cultura fotográfica adentrando o cotidiano escolar brasileiro. No Rio Grande do Sul, e em sua capital, Porto Alegre, é principalmente o poder público que utiliza a fotografia com a finalidade de documentação e divulgação das obras realizadas. Entre essas imagens destacam-se as fotografias das edificações escolares. A edificação escolar tornava visível a educação na cidade, ao passo que sua imagem fotográfica criava representações de uma sociedade civilizada, moderna e científica, sintetizada na imagem da escola-monumento.

Palavras-chave: fotografia; arquitetura escolar; história visual.

A SCHOOL TO BE SEEN: NOTES ON PHOTOGRAPHIC IMAGES OF PORTO ALEGRE IN THE EARLY DECADES OF THE 21ST CENTURY

Abstract

In the early decades of the 21st century, a photography culture could be seen taking part of the day-by-day of Brazilian schools. In the state of Rio Grande do Sul, and its capital city, Porto Alegre, it was public power that especially used photography targeting the documentation and the spreading of the works achieved. Among these images, we highlight the photographs of school buildings. The building of a school made school education visible in the city, whereas its photographic image created representations of a civilized society, scientific and modern, synthesized in the image of the school-monument.

Keywords: photographs; school architecture; visual history.

UNA ESCUELA A SER VISTA: APUNTES SOBRE IMÁGENES FOTOGRÁFICAS DE PORTO ALEGRE EN LAS PRIMERAS DÉCADAS DEL SIGLO XX

Resumen

En las primeras décadas del siglo XX, se observa una cultura fotográfica dentro del cotidiano escolar brasileiro. En Río Grande del

Sur, y en su capital, Porto Alegre, es principalmente el poder público que utiliza la fotografía con la finalidad de documentación y divulgación de las obras realizadas. Entre esas imágenes se destacan las fotografías de las edificaciones escolares. La edificación escolar se tornaba visible la educación en la ciudad, al paso que su imagen fotográfica criaba representaciones de una sociedad civilizada, moderna y científica, sintetizada en la imagen de la escuela-monumento.

Palabras clave: fotografía; arquitectura escolar; historia visual.

**UNE ÉCOLE À VOIR: NOTES SUR DES IMAGES
PHOTOGRAPHIQUES DE PORTO ALEGRE DANS LES
PREMIÈRES DÉCENNIES DU XX^{ÈME} SIÈCLE**

Résumé

Dans les premières décennies du XX^{ème} siècle on observe une culture photographique qui se mêle dans la vie scolaire brésilienne. Au Rio Grande do Sul et dans sa capitale, Porto Alegre, c'est surtout la puissance publique qui utilise la photographie dans le but de documenter et de divulguer les oeuvres réalisées. Parmi ces images, l'on remarque les photos des bâtiments scolaires. Le bâtiment scolaire rendait visible l'éducation dans la ville, tandis que son image photographique créait des représentations d'une société civilisée, moderne et scientifique, synthétisée dans l'image de l'école-monument.

Mots-clés: photographie; architecture scolaire; histoire visuelle.

Os republicanos rio-grandenses, entre os quais muitos positivistas, davam especial importância à educação pública, considerando-a condição para alcançar o progresso da sociedade – devido a sua ação civilizadora – e meio de sanear o “corpo social”. Desde o final do século XIX, os positivistas começaram a atuar na instrução pública a partir de três princípios básicos: educação enciclopédica; educar a partir do concreto; ênfase na educação técnica profissionalizante.¹ No Rio Grande do Sul, um dos maiores expoentes do positivismo, Julio de Castilhos, acreditava ser a educação primária um dever do Estado e, nesse sentido, deu especial atenção à escola, cujo objetivo maior seria “formar o que consideravam cidadãos íntegros para a prática política do ‘viver às claras’”.² Nesse sentido, o executivo estadual assumiu a função de estado educador, organizando “o ensino primário, livre, leigo e gratuito”.³ Acreditava-se que “a escola primária tem por fim promover e dirigir simultaneamente o desenvolvimento moral, intelectual e físico das crianças, durante a vida escolar, e ministrar-lhes conhecimentos úteis à vida”.⁴ Nesse sentido, o período republicano no Rio Grande do Sul foi marcado pela criação de várias escolas, no qual Julio de Castilhos foi o maior incentivador, pois acreditava ser esse um passo a ser dado rumo à sociedade científica.⁵ Algumas dessas escolas estão presentes no conjunto de imagens fotográficas aqui analisadas.

¹ VIOLA, Sólton Eduardo Annes. As propostas educativas das escolas públicas no início do século. In: GRAEBIN, Cleusa Maria G; LEAL, Elisabete. **Revisitando o positivismo**. Canoas: Editora La Salle, 1998. p. 183-196.

² *Ibidem*, p. 185.

³ Leis, Atos e Decretos do Governo do Estado, 1897, p. 162.

⁴ Leis, Atos e Decretos do Governo do Estado, 1899, p. 255.

⁵ TAMBARA, Elomar. **Positivismo e educação**: a educação no Rio Grande do Sul sob o castilhismo. Pelotas: Ed. Universitária, 1995.

Mapeando a visualidade

A partir de levantamento realizado nos relatórios do Governo do Estado e da Intendência Municipal de Porto Alegre, e nos álbuns fotográficos *Obras Públicas* e *Porto Alegre: biografia de uma cidade*, produzidos entre 1919 e 1940, foi localizado um conjunto de 47 imagens fotográficas. Originárias de órgãos oficiais do Governo do Estado (Secretarias de Obras Públicas) e da Intendência Municipal (relatórios do Intendente; Diretoria de Obras; Orçamento; Gabinete do Prefeito; Comissão de Obras Novas), as imagens permitem delimitar com precisão o âmbito de produção, nos aspectos que Ulpiano Bezerra de Meneses denomina por *visual*. O *visual* corresponderia aos sistemas visuais de uma sociedade, às instituições visuais, às condições técnicas, sociais e culturais de produção, circulação e consumo das imagens visuais.⁶

Nesse aspecto, a presença das imagens fotográficas nos relatórios editados pelos órgãos oficiais (sete imagens, no total) enquadra-se na perspectiva de documentação das obras realizadas ou em desenvolvimento pelo Estado. Em relação aos dois álbuns, percebe-se que têm características semelhantes aos relatórios no que se refere à produção de suas imagens fotográficas, embora sejam edições com objetivo comemorativo. *Obras Públicas*, publicado em 1922, faz alusão ao Centenário da Independência e *Porto Alegre: biografia de uma cidade* comemora o bicentenário da cidade, em 1940. Do primeiro álbum foram selecionadas quatro imagens; do segundo, 36.

Para além da caracterização do visual, aqui especificamente das informações concernentes à produção das imagens fotográficas, meu objetivo é tentar verificar a pertinência

⁶ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Rumo a uma história visual. In: MARTINS, José de Souza. ECKERT, Cornelia. NOVAES, Sylvia (Org.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 33-56.

de pensar uma determinada visualidade nesse conjunto. Amparome no que Ulpiano Bezerra de Meneses⁷ denomina por *visão* – as características conformadoras de determinado olhar compartilhado em dada época – e *visível* – que compreenderia a relação com o invisível e com as escolhas do que pode ou deve ser mostrado ou excluído do quadro fotográfico, as quais, por sua vez, estão intimamente ligadas aos mecanismos de controle e poder.

Tentando alcançar esse objetivo, adotei uma abordagem quantitativa das imagens fotográficas, concebidas como unidades individualizadas, às quais foi aplicada uma grade analítica, a partir do modelo utilizado em trabalho anterior⁸, adaptada às necessidades desta pesquisa. Nessa grade, foram contemplados os atributos icônicos das imagens, ou seja, aquelas variáveis consideradas relevantes a serem controladas e que se localizam no domínio iconológico da imagem, a saber:

DESCRITORES ICÔNICOS:

Localização: () POA/Centro () POA/Bairro

() POA/Indefinido

Tipologia: () edificação () atividade () retrato

Mantenedor: () público () privado

Abrangência Espacial: () vista aérea () vista panorâmica

() vista parcial () vista pontual () vista interna

Caracterização do espaço interno: () sala de aula () pátio

() sala – outra () corredor () biblioteca () refeitório

⁷ Ibidem.

⁸ POSSAMAI, Zita Rosane. **Cidade fotografada:** memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930. 2 v. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005 e LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e cidade:** da razão urbana à lógica do consumo. Álbuns de São Paulo (1887-1954). São Paulo: Mercado de Letras, 1997.

() auditório () laboratório () museu () muro () cerca
 () cerca de madeira () grade

Temporalidade: () diurna () noturna () indefinida

Acidentes Naturais/Vegetação: () arborização () lago
 () morro () várzea () pedra

Estrutura/Função Arquiteturais: () edificação térrea
 () edificação 2 pavimentos () edificação 3 pavimentos
 () edificação + de 3 pavimentos () alvenaria () madeira
 () outra função anterior:

Atividade: () ato cívico/desfile () festividade () formatura
 () lazer () aula () ato religioso () educação física () reunião
 () evento () evento/pose para foto

Elementos Móveis – Pessoas – Quantidade: () multidão
 (+ 10) () turma (20 – 40) () pequeno grupo (- 10) () ausente

Elementos Móveis – Pessoas - Gênero/Etário: () homem
 () mulher () criança () adulto () idoso

Elementos Móveis – Pessoas - Personagens: () professor
 () aluno () funcionário () diretor () transeunte () pais
 () comunidade

Elementos Móveis – Pessoas – Indumentária: () com
 uniforme () sem uniforme () não identificado

Elementos Móveis - Pessoas – Etnia: () branco () negro
 () pardo () não identificável

Elementos Móveis – Transporte: () automóvel () bonde
 elétrico () bonde tração animal () bicicleta () ônibus
 () transporte animal () trem

Caracterização urbana/rural: () iluminação pública () trilhos
 () pavimentação () chão batido () calçamento () obras
 () rua/avenida () parque () praça () estrada

Mobiliário Urbano: () balanço () banheiro público () banco
 () bebedouro () quiosque

Mobiliário Escolar: () mesa () cadeira () quadro negro
 () armário

Recursos didáticos: () mapas () globo () réplicas () animais
 empalhados () material auxiliar () livros

A partir da quantificação dos descritores icônicos, proponho analisar, nos limites deste texto, os aspectos evidenciados no conjunto de fotografias referentes às edificações educativas e seu lugar na cidade de Porto Alegre.

A edificação torna visível a educação

No conjunto analisado, as edificações educativas constituem⁹ o principal referente, conforme a tabela abaixo:

Tipologia	Quantidade
Edificação	32
Atividade	13
Retrato	2
Total	47

A variável *tipologia* procurou controlar se o motivo fotografado em destaque era uma edificação educacional, uma atividade ou um retrato. O grande número de imagens fotográficas em que as edificações escolares são o motivo de foco mostra a importância da presença dessa instituição no espaço urbano da cidade. As edificações eram o meio pelo qual se tornava visível um dos preceitos relevantes para aferir o grau civilizatório de uma sociedade na perspectiva do imaginário positivista do período. No mesmo sentido, a presença desses edifícios na capital era mais um elemento a atestar a modernização pela qual passava Porto Alegre e da qual se orgulhava o grupo republicano no poder.¹⁰

⁹ Diferencio edificações “escolares” e “educativas”, compreendendo essas últimas as universidades e faculdades, ou seja, instituições de ensino superior; as primeiras constituem escolas elementares ou complementares.

¹⁰ Sobre a modernização de Porto Alegre no período republicano ver BAKOS, Margaret Marchiori. **Porto Alegre e seus eternos intendententes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996 e MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e**

Dessa forma, o espaço urbano da capital recebeu tais construções por serem mais um elemento visual a corroborar o grau civilizatório a que chegara o estado mais meridional do Brasil. As imagens fotográficas, divulgadas nos relatórios ou álbuns, contribuíam para a construção de uma visualidade que afirmasse esses preceitos. Muitas dessas instituições receberam construções arquitetônicas afinadas com o gosto da época, no qual o ecletismo figurava como o estilo de uma burguesia ascendente desejosa de igualar-se aos padrões de consumo das elites européias. A análise das imagens fotográficas dessas edificações permite levantar elementos interessantes para a história visual da educação no Rio Grande do Sul

Podem ser observadas pelo menos duas formas visuais de apresentação das edificações escolares e educativas nas imagens fotográficas pesquisadas. As fotografias publicadas, sobretudo, nos relatórios e no álbum *Obras Públicas*, têm uma preocupação documental em relação às obras construtivas de tais edificações, ao passo que o álbum *Biografia de uma Cidade* apresenta as edificações contextualizadas no espaço urbano de Porto Alegre. Neste artigo, analisarei apenas o primeiro caso, através das imagens fotográficas localizadas nos relatórios produzidos pelo poder público, incluindo o álbum *Obras Públicas*.

A obra construtiva de educação

Observa-se a preocupação com a construção de edificações escolares por parte do Governo do Estado do Rio Grande do Sul na publicação de um “projeto-tipo” para escola pública, que consta no Relatório da Secretaria dos Negócios das Obras Públicas, de 1899 (Figura 1). Implantada no alinhamento da calçada, a edificação térrea era recuada em ambas as divisas

modernidade: a construção social do espaço urbano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

com acesso lateral através de dois portões em gradil de ferro. A fachada apresentava acesso principal centralizado com porta em arco pleno, ladeada por duas janelas em arco abatido, base, cunhais e modenatura em pedra, além de porão alto e platibanda vazada decorada. Sua fachada era ornamentada com motivos característicos do ecletismo, organizada a partir da porta centralizada na composição, tendo elemento escultórico sobre a porta, essa sendo ressaltada pelo enquadramento simulando pedra maciça, que também acompanha o arco das janelas. Cobertura em quatro águas e telhas cerâmicas. Conforme indica a planta baixa da edificação, essa organizava-se a partir de um eixo central desde a porta da rua até a porta para o quintal, composta de uma única sala, destinada a sessenta alunos, duas salas frontais e dois banheiros ao fundo.

Esse teria sido o primeiro projeto de edificação escolar elaborado pelo executivo estadual, e indica uma prática encontrada também em outras províncias brasileiras¹¹, na qual um único projeto embasa a construção de vários edifícios. A partir do projeto-tipo, foram, provavelmente, sendo construídas escolas no estado, conforme indica notícia sobre a construção da Escola Pública no Campo do Bom Fim, entre os anos de 1906 e 1908. As características que descrevem tal construção são semelhantes ao desenho mencionado anteriormente:

Escola Pública no Campo do Bom Fim, esquina da Rua Venâncio Ayres - Esta é a primeira escola primária em construção, das do tipo projetado por esta diretoria, mede 8 metros de frente sobre 12m.85 de fundo; tem espaço

¹¹ BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 2005, p. 95-140. FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, mai./ago 2000, p. 19-34.

para 60 alunos em duas salas, gabinete do professor e sala de espera no pavimento superior, cujo soalho fica a 2m.20 do solo; a parte inferior perfeitamente ventilada, recebe como a superior ar e luz por todas as faces e poderá servir para recreio dos alunos em dias de chuva ou para habitação do professor.¹²

Embora edificações escolares estivessem sendo construídas e a dotação orçamentária destinada à Instrução Pública fosse a maior entre todas as secretarias, o próprio executivo estadual não se satisfazia com o ritmo das obras:

Não se interrompeu a execução gradual do plano de construções escolares segundo os melhores modelos, mas, dependente das dotações orçamentárias sempre variáveis, só em tempos longínquos há de generalizar-se essas edificações tão reclamadas pela hygiene e pedagogia.¹³

O número de escolas crescia e a construção de edificações não acompanhava o mesmo ritmo, tendo o poder público que utilizar casas alugadas para a instalação. Em 1923, o executivo estadual informava que “dos 43 colégios elementares (instalados no estado), 16 já funcionavam em prédios próprios, especialmente construídos ou adaptados.”¹⁴, deixando à mostra a defasagem entre o realizado e o necessário.

Nesse sentido, as fotografias das edificações escolares revelam grande eloquência, pois constroem uma imagem da escola desejada para o estado do Rio Grande do Sul. Nas imagens fotográficas analisadas, são focadas as edificações do Colégio Elementar Souza Lobo, Grupo Escolar Tristeza, Colégio

¹² SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DAS OBRAS PÚBLICAS, Diretoria de Obras Públicas, 1907, fl. 5.

¹³ Mensagem enviada à Assembléia dos Representantes do Rio Grande do Sul pelo Presidente do estado Antonio Augusto Borges de Medeiros, 1914, p. 18.

¹⁴ Mensagem enviada à Assembléia dos Representantes do Rio Grande do Sul pelo Presidente do estado Antonio Augusto Borges de Medeiros, 1923, p. 18.

Elementar Fernando Gomes e Escola Complementar, todas localizadas na capital.

O Colégio Elementar Souza Lobo (Fotografia 1) figura no Relatório da Secretaria das Obras Públicas e no álbum comemorativo Obras Públicas, demonstrando a importância de tornar visível, através da fotografia, a obra de construção em andamento. Localizado no Arrabalde São João, Quarto Distrito da capital, o relatório informa que o mesmo teve um aumento projetado pelo Engenheiro João Pianca, a fim de ter sua capacidade dobrada.¹⁵ A escola era formada por quatro edificações gêmeas, distanciadas entre si, de apenas um pavimento e com porão alto, porém unidas através dos acessos e corredores. As quatro edificações eram em alvenaria rebocada, telhados de duas águas com telhas cerâmicas, frontão e aberturas seriadas em madeira com caixilhos e bandeiras, três aberturas nas fachadas frontais e oito nas laterais das edificações da extremidade. O acesso dava-se por duas escadarias entre as duas primeiras edificações. Uma espécie de passarela em madeira unia os dois prédios centrais. Com as melhorias recebidas pelo Colégio Souza Lobo, conforme a Secretaria de Obras Públicas, “acha-se atualmente em magníficas condições higiênicas, isto é, muito ar, muita luz e bom serviço sanitário. É um dos melhores colégios de Porto Alegre”.¹⁶

O Arrabalde São João, ao lado do Arrabalde Navegantes, figurava, no período republicano, como a área industrial em franco desenvolvimento para a qual convergiam as preocupações do poder público, em nível estadual e municipal. Algumas das obras viárias realizadas, nesse contexto, buscaram dar soluções ao acesso dessas áreas da cidade ao centro e ao porto,

¹⁵ SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DAS OBRAS PÚBLICAS, Diretoria de Obras Públicas, 1919, p.12.

¹⁶ SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DAS OBRAS PÚBLICAS, Diretoria de Obras Públicas, 1920, p.11.

como a abertura da Avenida Julio de Castilhos e o calçamento da Rua Voluntários da Pátria.

Além disso, uma das máximas dos republicanos positivistas rio-grandenses era a incorporação do operariado, grupo em formação, à sociedade. Nesse sentido, o investimento em moradias operárias e escolas, próximas às fábricas, atendiam a idéia de buscar a paz social, evitando conflitos e alcançando a ordem, única forma de alcançar-se o progresso econômico e o desenvolvimento harmônico da sociedade¹⁷. Dessa forma, as imagens fotográficas do Colégio Elementar Souza Lobo, cujas legendas reforçam a informação de sua localização no bairro operário, condensam uma das idéias-força do positivismo e da qual estavam imbuídos seus representantes no poder público.¹⁸

Outro prédio escolar em construção fora do perímetro central foi o Grupo Escolar Tristeza (Fotografia 3). Projetado e executado pelo Engenheiro Pedro Paulo Scheuneumann, o prédio teve suas obras interrompidas por três anos, sendo finalizado em 1927. O edifício, de dois pavimentos, com telhado quatro águas e platibanda, possuía fachada simétrica de feição eclética com quatro colunas em ambos os pavimentos e guarda-corpos com balaustradas. O acesso era feito através de recuo da fachada encimado por sacada, que servia de corredor externo. Outras características da edificação dão conta da dimensão que adquiria a educação escolar em arrabalde da zona sul de Porto Alegre.

O edifício comporta 300 alunos, distribuídos em seis salões adequados, com excelentes condições de aeração e magnífica distribuição de luz. Possui salas para museu

¹⁷ Sobre a relação entre positivismo e o desenvolvimento industrial do estado, ver PESAVENTO, Sandra. *A burguesia gaúcha: dominação e disciplina do trabalho (1889-1930)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

¹⁸ A escola Apolinário Porto Alegre, por exemplo, funcionava em horário noturno com vistas à instrução dos operários, conforme Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo Intendente Eng^o Octavio Francisco da Rocha em 15 de outubro de 1925.

escolar, diretora e professores, dependência para zeladora e um completo serviço sanitário.

Há um reservatório com capacidade de 4 metros cúbicos para fornecer água ao colégio. A água é aspirada de um poço por meio de um grupo de bomba de 2,5 HP. É recalçada a 15 metros de altura para a conveniente distribuição.

Foi adquirido o terreno do fundo da edificação com cerca de 1.600 m² para recreio e exercícios de ar livre dos alunos.

Nas partes laterais e frente foram plantadas árvores de sombra e o perímetro do terreno foi cercado com tela de arames ligados a moirões de granito.

Os esgotos vão ter a uma fossa séptica projetada pela Comissão de Saneamento.

O tipo do edifício não poderia ser melhor. Obedece a todos os preceitos higiênicos modernos das escolas.¹⁹

Observa-se a preocupação dos planejadores em construir edificações escolares em conformidade com os preceitos higienistas predominantes naquele contexto e que colocavam o aglomerado de crianças nas escolas como um dos principais alvos das ações sanitárias da primeira República.²⁰ Nessa perspectiva, era fundamental construir edifícios que contemplassem perfeita aeração a fim de fazer circular os ares nauseabundos e mefíticos; que fossem providos de água potável; que tivessem instalações de esgotos e de sanitários adequados. Além disso, a preocupação com o ajardinamento do pátio da escola e com o plantio de árvores reforçava a visão de que os espaços verdes contribuíam para a circulação e purificação do ar, banindo as doenças contagiosas que tanto assolavam a população no

¹⁹ ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Obras Públicas. 1927. p. 46.

²⁰ A esse respeito ver NUNES, Clarice. (Des)Encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA F., Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia G. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

período. Essas práticas reforçavam a representação da escola e da cidade como organismo, cuja ação sanitária do Estado contribuía para a construção de um corpo saudável. Do espaço urbano e do espaço escolar, a ação higienizadora chegava aos corpos dos alunos através de medidas de controle sanitário e por meio dos exercícios ao ar livre, configurados na prática da educação física.

A edificação do Colégio Elementar Fernando Gomes (Fotografia 4), localizada na Rua Duque de Caxias, foi projetada pelo Engenheiro Affonso Herbert e construída entre 1914 e 1920. O edifício de três pavimentos tem acesso central e recuado com escadaria, entrada coberta apoiada sobre duas colunas; aberturas ritmadas, em arco abatido no térreo e terceiro pavimento e verga reta no segundo pavimento. Platibanda, beiral, frisos e pequeno frontão demarcando a entrada compõem a fachada. As Obras foram executadas pelo Engenheiro Manoel Itaquy, sendo destacado pelo Governo o serviço sanitário da edificação, cujas instalações foram realizadas em cada um dos seus três pavimentos.²¹

Em 1907, a Secretaria de Obras informava as modificações e consertos de que carecia o prédio situado à Rua do Riachuelo, para nele funcionar a Escola Complementar. Em 1918, eram feitas obras em edifício onde funcionara o Palácio do Governo provisoriamente, para ali ser instalada a referida escola enquanto era construída nova edificação, ultimada em 1922:

Para a instalação da Escola Complementar desta Capital foi projetado pelo Engenheiro Theophilo Borges de Barros, um belo edifício em estilo neo-clássico em que predomina a ordem coríntia e que está sendo construído à rua General Auto.²²

²¹ SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DAS OBRAS PÚBLICAS, Diretoria de Obras Públicas, 1919.

²² SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DAS OBRAS PÚBLICAS, Diretoria de Obras Públicas, 1919, p. 10.

A edificação (Fotografia 2) possuía três pavimentos e porão; aberturas do pavimento térreo e do segundo pavimento em vergas retas e aberturas no terceiro pavimento em arco pleno. Cunhais em pedra, platibanda, cornija e frisos completavam a fachada.

Chama a atenção as diferenças no programa arquitetônico da Escola Complementar, do Grupo Escolar Tristeza e do Colégio Elemental Fernando Gomes em relação ao projeto-tipo elaborado no final do século XIX. A edificação da Escola Complementar, executada pelo Engenheiro Adolpho Stern, previa capacidade para dois mil alunos, tendo as seguintes características:

O edifício compõe-se de um corpo principal e de duas alas, entre as quais se acha um pátio central de 12 metros por 20.

A área total coberta é de 1200 metros quadrados.

Tem 23 salas, em que podem funcionar aulas para 50 alunos; 4 grandes salões de 9 metros por 11, com capacidade para 60 a 70 alunos.

Possui ainda 3 grandes salas nos porões, que também podem ser aproveitadas como salas, além de dois amplos gabinetes.²³

As edificações escolares construídas pelo Governo do Estado na segunda década do século XX pretendem reunir um número bem maior de alunos, se comparada ao primeiro projeto, tentando atender ao número de matrículas em crescimento.²⁴ Não apenas as dimensões são maiores, mas as funções dos espaços são mais diversificadas, com salas destinadas ao uso dos professores e do zelador. O espaço destinado ao museu escolar demonstra a

²³ SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DAS OBRAS PÚBLICAS, Diretoria de Obras Públicas, 1919, p. 10.

²⁴ Em 1923, o número de alunos e alunas matriculados na Escola Complementar de Porto Alegre era de 2.320 e a frequência era de 1.975, conforme Relatório do Presidente do estado.

importância que atingia o método intuitivo ou “lição de coisas”, método de ensino previsto nas regulamentações da Instrução Pública, no período.²⁵

Além disso, essas edificações coadunavam-se com a imagem de “escolas-monumentos”, construídas nas primeiras décadas republicanas nas grandes cidades brasileiras e que, conforme Luciano Mendes de Faria Filho e Diana Vidal,

o convívio com a arquitetura monumental, os amplos corredores, a altura do pé-direito, as dimensões grandiosas de janelas e portas, a racionalização e a higienização dos espaços e o destaque do prédio escolar com relação à cidade que o cercava visava inculcar nos alunos o apreço à educação racional e científica, valorizando uma simbologia estética, cultural e ideológica constituída pelas luzes da República.²⁶

A opção formal e estética para essas edificações era o ecletismo, também denominado de neoclássico²⁷, no qual diferentes elementos que predominaram em diversos estilos arquitetônicos na Europa são justapostos e colocados, sobretudo, na fachada principal que recebia frontões, cornijas e colunas. Segundo Helton Estivalet Bello²⁸, ao lado do modelo urbanístico

²⁵ A presença dessa preocupação ainda no regulamento de ensino de 1910 é apontada por CORSETTI, Berenice. A construção do cidadão: os conteúdos escolares nas escolas públicas do Rio Grande do Sul na primeira República. *História da Educação*, Pelotas, n. 8, set. 2000, p. 175-192.

²⁶ FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n. 14, mai./ago 2000, p. 19-34.

²⁷ BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. *Arquitetura e educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893/1971*. São Carlos: Edufscar, 2002.

²⁸ BELLO, Helton Estivalet. *O ecletismo e a imagem da cidade: caso Porto Alegre*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

*haussmaniano*²⁹, em Porto Alegre, o ecletismo foi a linguagem arquitetônica que sintetizou uma imagem de cidade de acordo com o desejo de modernidade e progresso no início do século XX. Nessa perspectiva, o projeto de reestruturação urbana do centro da cidade contemplava a alocação cuidadosa de determinadas edificações monumentais com vistas a sua valorização nos novos traçados de avenidas.

Embora não se possa afirmar que a localização das edificações escolares em questão – principalmente aquelas com características ecléticas – tenham tido especificamente essa preocupação, observa-se que duas delas estão localizadas na área central da cidade, o Colégio Fernando Gomes e a Escola Complementar. Embora não se depreenda a localização estratégica do ponto de vista visual na paisagem da cidade, como em outras cidades brasileiras³⁰, as edificações guardam características monumentais, de acordo com o imaginário de modernidade da época.

Nessa perspectiva da apresentação monumentalizada da escola, a imagem fotográfica contribuiu de forma expressiva. Através da fotografia de arquitetura, foi possível construir uma imagem da escola-monumento passível de circular através de relatórios internos ao poder público ou de álbuns fotográficos de consumo mais amplo. A fotografia, nesse sentido, permitiu a

Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Dissertação (Mestrado).

²⁹ Referência ao Barão de Haussmann, prefeito de Paris (1853-1870) que implementou uma grande reforma na cidade, cujo traço emblemático foi a abertura de grandes avenidas, os *bulevares*. Sobre esse assunto ver também PESAVENTO, Sandra. J. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano** - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

³⁰ MONARCHA, Carlos. *Arquitetura escolar republicana: a escola normal da praça e a construção de uma imagem de criança*. IN: FREITAS, Marcos Cezar. **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 97-136.

documentação da obra de construção finalizada, em andamento ou em processo de finalização pelo executivo estadual, por um lado. Por outro, permitiu monumentalizar ainda mais a escola, aproximando a imagem da edificação do leitor visual. A escola como monumento edificado na cidade tornava visível as idéias de uma educação científica, racional e moderna, dentro do desejo republicano. A fotografia, por seu turno, reforçava esses sentidos, permitindo consumo mais amplo da imagem-escola-monumento.

A escola e a cultura visual fotográfica

Analisando os álbuns fotográficos de Porto Alegre nas décadas de 1920 e 1930³¹, pude notar que as instituições educacionais estão presentes na forma de imagens fotográficas, inseridas nessas publicações. Em alguns casos, davam a ver as obras realizadas pelo Governo do Estado ao construir edifícios destinados a escolas, como são exemplo as imagens da Escola Complementar e do Colégio Elementar Fernando Gomes. Em outros casos, nos álbuns de edição privada, as imagens fotográficas dessas edificações também estavam presentes, quer se tratasse de instituições públicas ou privadas, como o Ginásio Anchieta, Escola de Medicina, Escola de Engenharia, entre outros.

Nessa visualidade dos álbuns fotográficos, ganhava especial destaque edificações cujas construções mantinham uma relação estreita com a história da educação no estado. Pode-se observar, assim, que a educação é uma temática presente nesses veículos de imaginários visuais do período.

³¹ POSSAMAI, Zita Rosane. **Cidade fotografada**: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930. 2 v. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

Essa característica é encontrada em outros contextos brasileiros, no mesmo período. A partir de investigação dos cartões postais, Armando Barros³² aponta para o questionamento sobre uma demanda existente no Distrito Federal, no início do século XX, de consumo de imagens fotográficas com temática escolar. Nas imagens dos postais não apenas os prédios escolares ganham destaque, mas o autor observa também cenas de desfiles e do cotidiano escolar. No mesmo sentido, Rosa Fátima de Souza³³ encontrou imagens fotográficas de edifícios escolares utilizadas como promoção e propaganda da ação dos poderes públicos em álbum e anuário do estado de São Paulo. Nesse segundo caso, além da escola concebida como cartão-postal e símbolo de civilização, a autora observa cenas de atividades escolares, a exemplo das aulas de educação física ao ar livre.

No conjunto de imagens de Porto Alegre, nota-se o uso da fotografia como expediente de documentação das obras de construção dos prédios escolares por parte do Governo do Estado, ilustrando, assim, os textos descritivos dessas obras constantes nos relatórios oficiais. Essa prática de uso da imagem fotográfica constituiu-se em uma das primeiras funções atribuídas à fotografia por ser considerada um registro fidedigno da realidade³⁴, principalmente no contexto das transformações urbanas decorrentes dos processos de modernização das cidades a partir da segunda metade do século XIX. Nota-se que, em Porto Alegre, esse uso também estava presente nos relatórios elaborados pelo

³² BARROS, Armando Martins de. Imagem, cultura, escola: os cartões postais e o ensino público no Distrito Federal da primeira república. In: **Reunião Anual da Anped**. Caxambu: Anped, 1994. v.1, f. 203-212.

³³ SOUZA, Rosa Fátima de. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 18, p. 75-101, 2001, Ed. UFPR.

³⁴ Sobre a fotografia e as discussões sobre o seu caráter de espelho do real, ver, entre tantos autores, KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

poder público. A ida do fotógrafo à escola – não raras vezes acompanhado pelo Governador, Intendente ou Diretor de Obras -, pode se conjecturar, deve ter sido acontecimento inusitado para o cotidiano escolar. A visita, certamente, exigia o envolvimento de diretores, professores, funcionários e alunos, principalmente no momento culminante de realização da fotografia. Esse reveste-se de importância, ainda nesse contexto, quando se observa as imagens de pose, revestindo o momento da captação de imagem pelo fotógrafo como rito solene. Ao situar esses sujeitos em frente à edificação escolar, o fotógrafo reserva-lhes um lugar, ao contrário das imagens que apresentam o edifício isolado no quadro fotográfico.

As imagens com propósito documental constituem-se em possibilidades de criação de representações sobre a realidade a ser supostamente evidenciada. Cumprindo seu papel de criador de imagens e realidades fotográficas, o fotógrafo, cuidadosamente, elege os elementos icônicos a permanecerem no seu quadro fotográfico. Nesse sentido, pode-se observar em várias imagens o automóvel – signo de modernidade e progresso - situado à frente do edifício escolar.

As imagens fotográficas, assim, dão visibilidade à educação, considerada como meio de alcançar uma sociedade moderna, científica e civilizada. Inserida no álbum de distribuição mais ampla que os relatórios de circulação restrita, essas imagens são utilizadas com a finalidade de divulgação e de criação de representações visuais. Nessa perspectiva, a edificação e sua arquitetura, de características afinadas com o gosto da época, constituem-se nos referentes icônicos privilegiados para a construção de uma visualidade desejada, na qual a educação é sintetizada na representação da escola-monumento.

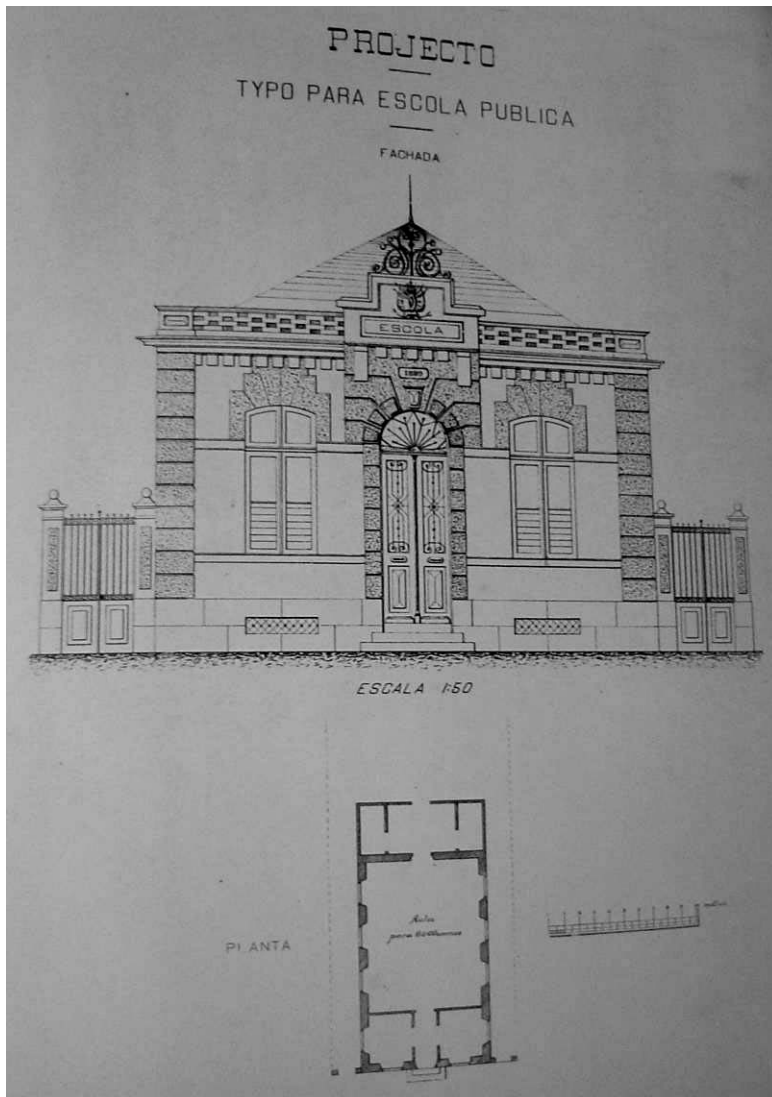


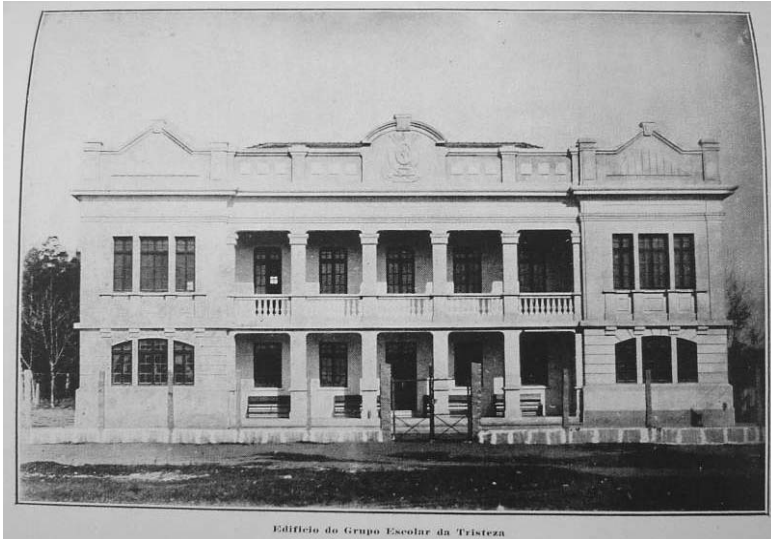
Figura 1. “Projecto – Typo para Escola Publica” (título original).
 Fonte: ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Relatório dos Negócios das
 Obras Públicas. 1899. p. 15. Acervo: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul



Fotografia 1. Colégio Elementar “Souza Lobo” (frente). (Legenda original)
 Fonte: ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Relatório da Secretaria das
 Obras Públicas. 1919. p. 12. Acervo: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul



Fotografia 2. Escola Complementar, para 2000 alunos, em Porto Alegre (título original). Projeto da secretaria de Obras Públicas (legenda original). Fonte: ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. [Secretaria de Obras Públicas]. *Obras públicas: centenário da Independência*. Porto Alegre: Oficinas Graphicas d'A Federação, 1922. Acervo: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul



Edifício do Grupo Escolar da Tristeza

Fotografia 3. Edifício do Grupo Escolar da Tristeza. (Legenda original)
 Fonte: ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Relatório da Secretaria das Obras Públicas. 1927. p. 46 Acervo: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul



Fotografia 4. Colégio Elemental “Fernando Gomes” em Porto Alegre (título original). Projeto da secretaria de Obras Públicas (Legenda original). Fonte: ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. [Secretaria de Obras Públicas]. *Obras públicas: centenário da Independência*. Porto Alegre: Oficinas Graphicas d’A Federação, 1922. Acervo: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

Referências

BAKOS, Margaret Marchiori. **Porto Alegre e seus eternos intendentess**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BARROS, Armando Martins de. Imagem, cultura, escola: os cartões postais e o ensino público no Distrito Federal da primeira república. In: **Reunião Anual da Anped**. Caxambu: Anped, 1994. v.1, f. 203-212.

BELLO, Helton Estivalet. **O ecletismo e a imagem da cidade: caso Porto Alegre**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Dissertação (Mestrado).

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 2005, p. 95-140.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. **Arquitetura e educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893/1971**. São Carlos: Edufscar, 2002.

CORSETTI, Berenice. A construção do cidadão: os conteúdos escolares nas escolas públicas do Rio Grande do Sul na primeira República. **História da Educação**, Pelotas, n. 8, set. 2000, p. 175-192.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, mai./ago 2000, p. 19-34.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo**. Álbuns de São Paulo (1887-1954). São Paulo: Mercado de Letras, 1997.

MAUCH, Cláudia. Saneamento moral em Porto Alegre na década de 1890. In: MAUCH, Cláudia et al. **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Rumo a uma história visual. In: MARTINS, José de Souza. ECKERT, Cornelia. NOVAES, Sylvia (Org.). **O imaginário e o poético nas ciências sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 33-56.

MONARCHA, Carlos. Arquitetura escolar republicana: a escola normal da praça e a construção de uma imagem de criança. IN: FREITAS, Marcos Cezar. **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 97-136.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

NUNES, Clarice. (Des) Encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA F., Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia G. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Era uma vez o beco: origens de um mau lugar. In BRESCIANI, Maria Stella (Org.). **Palavras**

da cidade. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. P. 97-119.

PESAVENTO, Sandra. **A burguesia gaúcha: dominação e disciplina do trabalho (1889-1930).** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. Sandra J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre.* 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Cidade fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930.** 2 v. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SOUZA, Rosa Fátima de. Fotografias escolares: a leitura de imagens na história da escola primária. **Educar em Revista,** Curitiba, n. 18, p. 75-101, 2001, Ed. UFPR.

TAMBARA, Elomar. **Positivismo e educação: a educação no Rio Grande do Sul sob o castilhismo.** Pelotas: Ed. Universitária, 1995.

VIOLA, Sólton Eduardo Annes. As propostas educativas das escolas públicas no início do século. In: GRAEBIN, Cleusa Maria G; LEAL, Elisabete. **Revisitando o positivismo.** Canoas: Editora La Salle, 1998. P. 183-196.

<p>Zita Rosane Possamai. Historiadora, mestre e doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi servidora da Prefeitura de Porto Alegre, onde atuou como</p>

pesquisadora, Diretora do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, Coordenadora da Memória Cultural, membro do Conselho do Patrimônio Histórico-Cultural de Porto Alegre e membro da Unidade Executora do Projeto Monumenta. Foi docente em vários cursos de pós-graduação lato sensu nas áreas de Patrimônio Cultural e Museologia. Foi docente do Centro Universitário Metodista IPA. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, exercendo suas atividades na área de História da Educação, na Faculdade de Educação. Autora e organizadora de artigos e livros sobre História de Porto Alegre, memória, patrimônio, museu. E-mail: zitapossamai@gmail.com

Data de recebimento: 03/02/2009

Data de aceite: 15/08/2009